

ÂNGELO MONTEIRO

PROCLAMAÇÃO DO VERDE

(POESIA)

RECIFE — 1969

EPÍGRAFES

“De todo escrito só me agrada aquilo que uma pessoa escreveu com o seu sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito”.

NIETZSCHE

*“Hoje, sou sem peias:
besta libertada
a trotar no verde
seu relincho claro”*

ESMAN DIAS

“Cinzenta, amigos, é tóda a teoria, mas é verde a árvore dourada da vida”.

GOETHE

O f e r e n d a

a

TOMÉ RIOS MONTEIRO, meu pai

ZAMEIKA

E

LADJANE

ANTI-MANIFESTO OU
A GUERRA SANTA CONTRA O ÓBVIO

1) Não postulamos coisa alguma, porque postulados e regras foram feitos para não ser seguidos: afirmação esta válida tanto para as instituições como para a arte.

2) Não costumamos nomear as coisas, limitando-as no seu campo de ação; bem como temos um excessivo horror de ser nomeados por isto ou aquilo, de uma vez que nascemos primeiro do que êsses nomes. Nada deverá modificar nossa feição original; daí não queremos estar limitados na expansão de todo nosso SER.

3) Preferimos ser contraditórios a ser imbecis. Já que a vida é a própria Contradição. Mas gostaríamos que os senhores provassem o contrário.

4) Não somos conservadores por detestarmos todo e qualquer instinto de conservação. A consciência de termos a eternidade dos deuses, nos impõe um tal ritmo existencial, que aceitamos todos os riscos e perigos tanto na nossa vida como na nossa arte.

5) Nada mais decepcionante do que qualquer idéia de segurança: mutila todo o amor, violência e beleza nas nossas vidas. Um homem "instalado", um homem "seguro", é algo desapaixonado, desfibrado e sem vibração. O próprio Deus deixaria de ser Deus se supusesse esta idéia de segurança. E um Deus seguro seria um Deus morto. A insegurança nos dá sempre a idéia de uma incontrolada e apaixonada permanência. E essa permanência sem limite nem pouso é a nossa medida no tempo.

6) Negamos compromissos com certas vanguardas: porque elas existiram antes e existirão depois de nós. Mesmo porque somos maiores que qualquer vanguarda: somos os restauradores do cavalo de Tróia. Tende cuidado de nós.

7) Somos adoradores e mágicos. A beleza nos interessa mais do que a verdade. Porque a "verdade" não existe. Somos

os missionários da perpétua beleza. Embora ela permaneça indiferente ao nosso desafio.

8) Fora da estética não há salvação. Daí nos importarmos mais com a estética do que com a ética.

9) Não definimos: sentimos e captamos. Uma coisa existe independente da nossa aceitação ou da nossa rejeição. A beleza é a beleza, é a beleza, é a beleza...

10) Achamos que toda expressão artística deve estar carregada, também, da tragicidade e da violência da vida. Porque não possui o dom de amar aquele que não sabe violentar...

11) Nem de longe deveis supor que não somos técnicos. Somos, pelo contrário, técnicos de suprema delicadeza. Com a necessária técnica amorosa para qualquer tipo de epiderme... O que equivale a dizer que somos técnicos sem deixarmos de ser contemplantes. Temos a refinada técnica de quem sabe praticar todos os jogos amorosos. Mas não ficamos apenas na superfície: amamos a profundidade...

12) Não gostamos de decifrar as esfinges: porque elas perderão todo o mistério e toda beleza no dia em que forem decifradas. Não decifreis, portanto, a nossa arte.

13) Não gostaríamos de ser mais chamados por esta denominação, tão viciada, de poetas. Preferimos estar sempre expectantes. Pois somos as testemunhas da espera no tempo e para além do tempo.

14) E como nem sempre se pode fugir desta inominável mania de nomear as coisas, queremos, a partir de hoje, ser tidos por expectantes: sermos tidos, não, é sermos chamados. É um mero caso de reconhecimento.

15) Testemunhas inseparáveis da espera, somos tanto angélicos como diabólicos, porque não nos limitamos ao bem ou ao mal, e nos contradizemos, muitas vezes, porque a arte, como a vida, é produto de uma contradição.

16) Somos de tudo por sermos o tudo; e o todo nem sempre pode ser reconhecido pelas suas partes quando isoladas, o que também equivale a dizer que nem sempre as partes podem ser reconhecidas pelo todo; o que equivale a dizer ainda, que as coisas podem ocasionalmente não ter nenhuma relação consigo mesmas quando de tal modo se dilatam que se transcendam a si próprias. Porque aquilo que não se ultra-

passa a si mesmo *não é*; e uma coisa só é à medida que assumam um caráter de permanência que transgrida todos os limites e fórmulas; à medida que atinja um *grau de expectativa* tal que jamais termine... Daí só cremos na espera definitiva. Daí também não procurarmos a frágil segurança de certas posições que não operam além de determinado limite do tempo. Acreditamos que se deixarmos de esperar, deixaremos de existir. Somos expectantes não por nomeação, mas por essência. E a nossa espera não deve estar circunscrita apenas ao vocábulo.

17) Todos os meios são lícitos em vista de um fim: Isto é perfeitamente válido tanto na vida como na arte. Daí sermos portadores de uma espera infatigável na busca dos meios para os nossos fins.

18) O que ficou dito nos parágrafos acima é perfeitamente válido para os parágrafos seguintes.

19) E que Maomé vos conduza, com sua legião de concubinas, até o paraíso de Alá.

Recife, 7 de agosto de 1968

Ângelo Monteiro

PRIMEIRA PARTE

I

Proclamarei, revôlto, as tuas ondas
nem sempre claras, mas gemas e outras gamas.
Por desnudas manhãs protestaremos
(eu e tu) contra o verde sabotado.

Ainda que te contenhas ou te escondas
de tudo que fôr fora: reconhece
as camufladas vestes que te deram
em troca do teu verde (que era interno).

e se continha como a estrêla cresce
de suas fôrças reclusas se inflamando.
Roubaram-te a veste interna e a veste externa
te deixando despida desde quando.

Mas não dessa nudez de amor (ousada)
mas da nudez do frio tiritando.
Da nudez do abandono: da nudez
de brasa que deixou de estar queimando.

Da nudez sem amor: desencantada
até do dom de se mostrar secreta;
da nudez sem mais brilho, sem mais nada;
que não quer ser abstrata nem concreta.

Muito menos estar nua sôbre a cama
Nem nua enquanto nua; ou como flama
enclausurada e ascética nos átrios
indevassáveis de qualquer pureza.

Da nudez de si própria contemplada,
tão prenhe dos seus próprios sortilégios;
nem das que se retraem ou se repartem
mas nudez (sem mais nu) do próprio tédio.

Menos que branca e a dor de não ser nada:
se pensa estar vestida nada a cobre;
se pensa estar despida nada existe
que a prove de concreto ou de abstrato.

II

Como as ondas te conténs apenas para
amorteceres o primeiro impacto.
Mas minando por baixo os alicerces
das fortalezas mais sedimentadas.

Mas crescendo p'ra dentro, surda e densa,
sem perder ressonâncias nem clamores;
crescendo, como indômitos cavalos,
dispostos a romper qualquer membrana.

Temei nossos cavalos, por mais mansos.
Anjos sábios regulam a atmosfera
como a tensão das ondas. Se serenas,
é sinal que minando estão as praias.

E, em seguida, vossos altos fortes
e cercanias absorverão.
O verde é manso, mesmo na explosão,
de uma mansura tal que vos conforte

a ponto de nem (verdes) os dragões
brincando entre as espumas, como arminhos.
Temei, irmãos, o verde perigoso
que aprendeu com as sereias ser marinho.

VERDE NO CARDÁPIO

Por não ter no teu cardápio
Mais que cactos e nuvens
Esperarás pelo vento
Trazendo setas e búzios.

Então as ânsias de sul
Crivarão o solo agreste
De tua alma, não mais virgem:
Sem mais o verde das vestes.

Mas em paga do abandono
Do verde, terás ausências
Que se farão mais concretas,
Por que menos aparência.

E, em vez do verde imanente,
Agregado ao transitório,
Terás verde permanente:
Muito mais encantatório.

Pois soprando velhos búzios
O verde do mar renasces:
Em meio às setas que o vento
Fôr lançando à tua face.

Das suas coxas na fímbria
debalde as mãos assereno;
delas amargo extraíndo
um leve sabor moreno

de flor oclusa, unipétala,
com seu perfume entranhado,
que não se dá nem se gasta
sem antes ser penetrado

no seu mais tênue mistério
por quem o houver captado:
em tôda trama e urdidura
do seu negror estrelado.

Quando cruzadas divisam
linhas serenas sem mancha:
delineando horizontes
mais bravios do que mansos.

Divisam quando cruzadas
horizontes se velando:
em sua penugem tenra
um abismo projetando.

Por mais nuvens que as envolvam
(tão torneadas e exatas)
essas maciças colunas
tanto esmagam como matam.

Ó clara esfinge de pranto
Ó corola amargurada!
Sacrário onde depositas
tua hóstia apaziguada!

Colunas de sacrifício,
que mesmo após a oferenda
ainda exigis que o fogo
sobre as vítimas se acenda.

Mansão de todos os gênios,
porta aberta a qualquer brado,
não aplacais os clamores
que escorrem nos vossos mármoreos.

Entre túmidas colinas
de sêdas mornas e claras;
nas tuas internas minas
queimas tua luz avara;

internamente lavrando,
sem que jamais se consuma,
seu fogo pobre, seu fogo
que de ser brando costuma.

Entre colinas de sêda
ardendo teu sol avaro,
que é de tal modo secreto
que nem queima, apenas arde;

que não queima simplesmente
como aos fogos é comum:
mas devora internamente
a fibra de qualquer um.

E, entre mornas colinas,
ardendo seu fogo, ardendo,
faz delas restrito leito;
pequeno, mas não estreito.

Pois sua chama secreta
que aos poucos vai lavrando,
jamais explode ou rebenta:
as colinas violentando.

Mas seu fogo permanece
aceso entre essas colinas,
como um sol enclausurado,
mas sem jamais virar cinza.

Ardendo aos poucos, ardendo,
consumindo os candelabros
e as velas com que tentem
suas chamas captar-lhe.

Daí que por ser secreto
arda sempre um fogo exato,
amorenando as colinas
mas sem as incendiar.

Outros te chamem sol negro.
Eu, porém, te vejo claro:
queimando teu fogo neutro
entre as colinas, avaro.

O GRAVATÁ

Como o gravatá ereta
Sem perderes a postura.
Permanentemente ereta:
Nem castigada nem dura.

Mantendo a chama secreta
que as tuas formas apura,
mas ligada à dor concreta
de uma espinhosa textura.

Como o gravatá por dentro
não é sêco como fora:
trás água que dessedenta
a quem a sêde devora.

Como o gravatá por fora
não é sêco, apenas sêco:
trás verde entre seus espinhos,
bordado entre seus espêtos.

De tudo isso seja espêlho
tua palavra cruel:
sem que deixes de ser doce
apesar de todo fel.

Como açúcar sôbre a lâmina
ferindo amorosamente,
pois ferindo adocicando:
sejas sempre em teu poema.

Sejas sobretudo ereta,
sem perderes a tensão
do pulso de qualquer coisa
que esteja em combustão;

Do pulso de qualquer coisa
ardente, que esteja ereta,
sejas tu, poesia, sempre
espada, punhal, pendão.

E o sêmen que dela escorra
banhe a tua solidez
de mármore e a transparência
de cristal de tua têt

que guardas secretamente
de quem talvez não te olhe
além da casca que envolve
tua mais íntima nudez.

Absurda e veludosa
essa fome que o dragão
vem sofrendo pelas rosas:
bem mais mansa que a de pão.

Ainda que assim tão leve
como feita de veludo:
não é por isso mais breve
nem menos fome, contudo.

É triste ver o dragão
com tal fome sem remédio:
sôbre pilastras de tédio
forjadas de solidão.

É triste o desejo ver
tão belo mas represado:
de quem foi assinalado
de dragão para sofrer.

E há fome mais exigente
do que essa fome inventada
pela crueldade inocente
do sonho da coisa amada?

Mas se não temeis dragões
nem vivos, nem fantasmais:
acautelai-vos, irmãos,
das fomes mansas demais.

Quem já não mais interroga
às raízes do silêncio:
o seu amor busca apenas
ao Senhor de tôda espera.

Êle volve a sua Face
verde, virgem e sempre móvel:
tão bela que me comove
e de luz me dilacera.

Dessa luz que é o nosso dentro
projetado para fora:
como um deus que libertamos
porque dentro nos devora.

Todo o amor que projetamos
para além de qualquer terra:
temendo que a vida manche
o pêso do seu mistério.

Amoroso amor sem rumo:
tão belo que desespera,
tão grande que só termina
no Senhor de tôda espera.

(A Alberto Frederico Lins)

Carrego a solidão
como um tigre no peito:
um tigre já sem garras
acêsas sôbre a vida.

Mas que mesmo sem garras
tem arestas de sombra:
com seus gumes varando/a
carne de nostalgia.

E em vez dos saltos rubros
sob as nuvens de um dia:
o destino em seu pêlo
fazendo acrobacia.

E do passado — fera
carrega em seu silêncio:
o seu lombo de tédio
estirado no tempo.

Polvo de luz meu poema
a explodir em canção
ou colapso violento:
violando a solidão.

E de mim se desprende
seu espasmo tão longo,
sua angústia, seu sêmen:
seu hálito dos anjos.

De modo que se um tigre
rompe a crôsta do poema:
é tôda a minha vida
acêsa sôbre a mão.

*Meu poema, tigre manso
que pulsa entre açucenas:
com suas patas lentas
planando a solidão.*

1 — Como a penugem dos pássaros
é o seu destino tão leve:
para vossa retina ou lente
unilateral e breve.

Pois nessa fragilidade
que nas coisas se observa,
há algo de inalterável
que além delas se conserva.

É êsse algo tão frágil
como a aérea tessitura
não do sonho: do real
que o sonho nos prefigura.

É êsse algo tão frágil
como o anseio projetado
dêsses castelos que amamos
mesmo após de desabados.

Dêsses castelos mais vivos
para além da própria queda,
porque inscritos no eterno
como os pássaros mais breves.

Pelo muito que viveram
na nossa imaginação,
nossos pássaros — castelos
por acaso morrerão?

Viverão no projetado
como dantes no aparente:
viverão ainda mais frágeis
embora mais permanentes.

Porque o frágil de que eu falo
é o oposto de passageiro:
é o frágil libertado,
não o frágil prisioneiro.

É o frágil das contexturas
mais densas de eternidade:
ainda que não espêssas
na sua fragilidade.

Que as coisas sem segurança
buscam sempre estar seguras:
daí se tornarem espêssas
como certas armaduras.

Daí se tornarem espêssas
sòmente de contextura,
e apodrecerem por dentro
como tudo que não dura.

Daí não murar o mundo
quem como os deuses espera:
pois o eterno não busca
proteger-se, porque é eterno.

2 — Quero a linguagem secreta
que se constrói de silêncio
a projetar sua sombra
nos umbrais desconhecidos.

E aquêlê que se alimenta
sòmente do conhecido,
jamais conhece a vertigem
que se chama descoberta.

A projeção instantânea
de uma face sem moldura:
que pode ser o mistério
ao redor das criaturas.

Que pode ser a presença
que não fica em parte alguma:
mas uma vez vislumbrada
nos matará de ternura.

Pois o cêrcô das palavras
não pode conter a espera
que não se detém no espaço
e o próprio tempo libera.

MARILENDA

A

Marco Polo

Jaci Bezerra

Jodeval Duarte

Gladstone Vieira Belo e

Esman Dias

I

Corsário, já singrei a amarganave
do seu corpo sem remos e sem vela
onde quase afoguei-me, no conclave
das ondas que ofegavam dentro dela.

Acompanhada por remoto clavi-
córdio suspenso aos braços da procela,
uma sereia estranhamente bela
rebetava em gorgeios sôbre a nave

do seu corpo sem bússola e astrolábios
que aumentou minha sede ao pé das fontes
mais doces que brotavam dos seus lábios.

E ainda percorro o verde calendário
de seus virgens e ardentes horizontes
onde fui navegante e fui corsário.

II

Daqui, de qualquer parte, irei singrando
mares e naves e imprevistas ânsias
ao cortejo dos ventos e inconstâncias
que apascentam seu corpo tenso e brando.

Perdido em mil fronteiras e distâncias
sempre andaré o meu amor vagando
entre lírios e antigas ressonâncias
em que costume divagar sonhando.

Pois de claves e naves e sereias
e mares deslumbrados, teço os versos
como se poucas fôsem minhas teias...

Por fôrça, de num mundo sem segredos
eu ter de colhêr búzios submersos
para acordar as fadas nos rochedos.

III

Assim, também, o mundo pouco importa
a quem vem do país de Marilenda,
após deixar no céu a lua morta
que Aragônia vestiu de pura lenda.

O verdor dos seus olhos ainda acorda
loucas aragens e imprevistas sendas
de puro amor, que as nossas almas borda
de sonhos mais finíssimos que as rendas

marinhas ou lunares em suas mãos
esquivas e seu corpo aventureiro
que se dava aos poetas, seus irmãos,

como quem dava o verde de oferenda.
O corpo de Aragônia era o roteiro
que vai dar no país de Marilenda.

IV

Aragônia, a princesa, nos umbrais
de uma tarde florida de açucenas
mandou-nos sua imagem e as suas penas
qual se pássaro fôsse, e nunca mais

houvesse de vestir a antiga renda
de seu corpo de nuvem desmaiada.
E apenas, como ausente, fôsse a amada
lembrança do país de Marilenda,

ao qual voltou, serena e branca amiga,
sem que amadurecesse a côr da espera
num mundo que de amar nos desobriga.

Daí por que Aragônia é sempre aragem
soprando ao coração da primavera
qualquer coisa sem voz e sem mensagem.

V

Ao tempo em que vermelhas caravelas
transitavam serenas no teu sono
voltaste, e novamente foste dono
das paisagens marinhas e daquelas

tão sonhadas colinas amarelas,
que te fizeram delirar no outono,
pastando ovelhas brancas de abandono
na parede bordada de aquarelas.

Dos montes convocados pela flauta
de quando eras infante, resta o verde
colorindo, indeciso, a tua sêde

que póstuma te fêz pastor e nauta,
delineando nos lábios esquecidos
a côr que não tiveste em teus vestidos.

VI

Construiste, afinal, de amor ardente,
entre as linhas da mão o teu império
onde o sonho é a rota permanente
traçando o itinerário do mistério.

Onde de olhar cerrado e a fronte ausente,
brancabaila, em seu passo quase aéreo,
a princesa Aragônia, eternamente
arreatada ao som do seu saltério.

Exilado não és, a sombra e o mito
do que foste sem ser, pastor proscrito
do verde e do calor do seu rebanho.

Pois nos vales do amor, a tua tenda
ergueste, ao som do mar de Marilenda,
onde as sereias cantam como antanho.

VII

E nostálgicos ainda dáurea paz
nós restamos, por isso, muito amargos
mas livres de roteiros e de barcos,
boiando à tona clara das vogais.

Como dantes, à luz dos céus natais,
que príncipes nos fêz, leves e vagos,
de finas mãos e de semblantes magos,
trajando as nossas vestes ancestrais.

E, além dos vossos pobres calendários,
oferecemos ópio e transparência
— infantes transformados em corsários.

Que, sob um manto incólume de mágoas,
inúteis prolongamos nossa ausência
por estas verdes e remotas águas.

EU DEIXARA ÊSTE VERDE COMO HERANÇA

(A Alberto Cunha Melo)

Eu deixara êste verde como herança,
Se do pêso do verde, libertado,
Pudesse o mar em mim enclausurado,
Rebentar as barreiras da esperança.

Ó ditoso país da lembrança,
Cujo mar não me afoga, mesmo irado.
Mas se divide em dois, e desmembrado,
Abre lúcida margem que me alcança.

Tal não é êste mar, sempre agitado,
Que trago dentro de mim, capturado,
Na fé, no amor e na desesperança.

Como quem traz em si a fôrça e o fado.
E, posto que êste mar seja sonhado,
Eu vos deixo o seu verde como herança.

SONETO I

Subterrânea voz, então, desperta
do silêncio da página esquecida,
qual de concha mais íntima, ferida,
áureas cordas vibrando em cada verso

que espadanas das mãos, como os cabelos
longos dos vossos príncipes esguios
aurifluindo, em seus ombros, como rios
de protesto ou em líricos novelas

de sol cristalizado ou, mais ainda,
tal cordas de algum morto violino
há muito sepultado nos teus seios

de secreta mulher ou musa extrema
valsando, sem cessar, seu desatino
sem passar dos limites do poema.

SONETO II

(*A Severino Alves*)

Quando o parque da vida fôr deserto
de rosas ou de vozes. Quando a sombra
estilhaçar o chão de mortos pássaros,
cada qual crie um pássaro que cante.

Quando não mais houver nem mesmo parque
e o verde fôr extinto. Quando o vento
deixar em fragmentos nossas faces,
rompa o canto as reprêsas do silêncio.

E se prolongue, assim, o desencanto
de amar e de sorrir, ainda que tarde,
das nuvens ao bailado derradeiro.

Mas permaneça o pássaro em seu canto,
aos ares restaurando rubro o alarde
de pássaro sem rumo e passageiro.

SONETO III

Fêz-se-me a bôca rosa de protesto:
de amor sòmente. Embora seja rubro

o anjo que se debate nos meus gestos
que em vão tento conter, que em vão encubro.

Não prego nada. Apenas sob as vestes
frágeis, tão frágeis, que me são de escudo,
trago um deus explosivo, e a dor e o orgulho
de vê-lo em fragmentos nos meus versos.

E esta nudez de ser não se consome
entre as artérias rôtas das palavras
cansadas de vazar seu nenhum sangue.

Por resultar em vão ir além delas
para dizer, em formas abstratas,
o que nem aos poetas se revela.

SONETO IV

Eu volto a ti, Amiga, como as águas
há muito represadas sob a terra,
percorrendo um caminho de palavras
até chegar despido ao teu mistério.

E do seu veio límpido e desperto,
hoje, por fim, que as trago libertadas,
delas te oferto o seu cristal mais frágil
e o musgo ainda colado às minhas vestes.

E volto a ti como se volta às fontes
intocadas no tempo. Ou aos sacrários
mais íntimos do sexo. Ou às mucosas

secretas de corola refratária.
Volto lambendo as hastes do silêncio:
tuas flôres unindo às minhas águas.

SEGUNDA PARTE

O ANJO RUBRO E OUTROS POEMAS

I

Não outeiro, mas montanha
o anjo rubro quer galgar
Não outeiro, monte raso,
mas montanha sôbre o mar.

Despido de outra linhagem
que não a do seu solar,
o sangue que corre nêle
às colinas quer doar.

Às colinas que vislumbra
em tôrno do seu braço
de príncipe sem heroísmo
para guerrear seu irmão.

Às colinas que vislumbra
Aos pés de cada manhã
Sem sombra, a não ser a sombra
que lhe desce n'alma vã,

nascida só para as coisas
feitas sòmente de paz:
muito embora ostente o anjo
suas vestes clarinais.

II

É rubro o verso que a bôca
te salga, e espremes na página
ainda branca antes do sôpro
que infundes ao seu silêncio.

É rubro o verso que as mãos
compõem, recompondo o nada,
ao tempo em que o sangue vaza
de vida a manchar os lírios

que despontas dos teus dedos
também rubros e cruéis
de decalcar tudo em arte:
até mesmo os seus anéis.

É rubro o verso, eu o sei,
e por sabê-lo te informo
em forma de canção: rouco
testemunho dos meus lábios.

III

A própria amada fiz rubra,
não azul como a de Pena:
ao tempo do seu azul
contradições pouco havendo.

Porém o digo: fiz rubra
mas não porque o quizesse,
nem porque trago de rubro
pintadas as minhas vestes,

mas porque tudo que lembre
céu e azul foi camuflado:
mesmo porque a vida sempre
rompeu a ilusão dos bardos.

IV

Existem, porém, as aves.
Ninguém o contesta. Apenas
precisam ser recriadas:
de nôvo configuradas.

Não quer dizer: suas penas,
que ninguém deu, eu as mude.
Nem vá prender-lhes o canto
próprio, que têm, mesmo mudas.

É que, em nós, o canto delas
deve exprimir também mágoa:
não sòmente o pitoresco
de quem não conhece as aves

a não ser de melodia,
não do que nos sons revelam:
como quem ouve a linguagem
sem captar-lhe o sentido.

Não é por mero protesto
nossos cabelos nos ombros:
somos bem pouco terrestres,
somos mais venusianos.

Escondem asas secretas
êstes cabelos que usamos:
como todos os estetas
as coisas prefiguramos.

De modo que as imagens
das vossas alegorias
são bem pouco, comparadas
com a nossa telepatia

E o nosso poder de usar
só as palavras supremas:
não somente as necessárias,
mas aquelas que o homem teme.

O resto comunicamos
por meio dos nossos olhos:
em nós, poços de energia,
em vós, poças de silêncio.

Nem contempleis nossos ombros:
cabelos vertiginosos
e tênues, como os abismos,
perturbarão vosso sono.

A Ariano Suassuna

Teme a mim, que deito raízes
no limo de tua carne.
Teme a mim, que trago a vertigem
dos polvos para enredar-te.

Ó teme a mim, que te cavalgo
sobre o sangue vicejante:
como a um pasto de claridade
aberto ao meu horizonte.

Como a um pasto a que eu sem freios,
e selvagem me descontraio,
teme: não tanto ao meu vermelho
mas à côr do meu desmaio.

Teme: não ao fogo desperto,
antes ao fogo dormido.
Não ao claro sol que te cresta
mas, ao que te rasga, escondido.

O sangue azul do verso
correndo em suas veias
célere: parecia
seu último verão.

Quem permaneceu súdito
de um império já morto,
sofreu muito, bem muito,
quando a linfa esgotou-se.

Sofreu mais, em seguida,
vendo fazer-se areia
o que dantes foi linfa
e sangue em suas veias.

Essa linfa, êsse sangue,
afinal desbotou-se
em branco, sem tornar
sua vida mais doce.

Ninguém sabe que química
irônica e cruel
embebeu tanto azul
sem manchar o papel.

As pombas cirandando
na tarde do poema
regressaram: deixando
o poeta em falência.

Regressando, deixaram
olhos e céus desertos:
o pânico nas nuvens
e atônito o seu verso.

Indo atrás de outros céus,
outro reino, outra aragem:
cativas dêsse azul
que as fêz eternas pagens.

E um príncipe hoje traz
o seu pálido séquito
de ausências, e a lembrança
desmaiada do azul.

CARTA ÀS MÁQUINAS SENSATAS

As últimas coisas mansas
eu peço que a musa guarde:
certo vento rubro e tórto
envenenou minha carne.

Por isso, não se perturbem,
quando eu fôr me desprendendo
dessas roupas já cansadas
de me vestirem no tempo.

Uma luz ignorada
impelirá seus corcéis
por corredores de sono
e labaredas cruéis.

Estarei abrindo os lábios
para novas litanias:
os mesmos lábios manchados
do carnaval dêsses dias.

Só me comove a vertigem
da vida a correr sem rumo:
crucificada de espera
num tempo que não consumo.

E é tormentoso silêncio
dessas chamas desprendidas:
velas acêsas de espera
nos candelabros da vida.

Estou como um ser parindo,
entre gritos, a mensagem
que não vem salvar o mundo
mas, bem antes, condená-lo.

Minha carne traz as marcas
se não de amor: de inimigo.
Ai das máquinas sensatas
sob um ódio tão antigo!

Coisas podres, cuja calma
segurança me perturba:
para elas minha palavra
seja intolerante e rubra.

Em seu murado horizonte,
tão fartamente instaladas:
eu sou pouco, e minha vida
não basta para esmagá-las.

Sou tão pouco. Como um grito
de existir, rubro e confuso,
irá convencer um público
redondo de parafusos?

Móveis radares: meus gestos
são frágeis à segurança
das conchas, dos caramujos,
fechados sôbre a esperança.

DA ADORAÇÃO EXPECTANTE

A

Fernando Monteiro

Itérbio Homem

Audálio Alves

Sebastião Vila Nova

Aluísio Furtado de Mendonça

e

Maria do Carmo Tavares de Miranda

I

Que direi dêste encontro dos abismos
que jamais perdem (mesmo separados)
o contágio abissal de projetar-se
cada um sôbre o outro o seu mistério?

Direi sômente que crescia a tarde
nos velhos calendários dêste mundo,
desdobrando papiros de silêncio
e acinzentando o azul das nossas faces.

E, enquanto a voz, em tórno, desmaiavas,
fragmentos de Deus boiavam nos teus olhos.
Quando o azul circundante revestia

o silêncio da última palavra
que calaste, no fundo dos teus olhos
expectantes, apenas entreabertos.

II

Como se fôsse a deslebrada bênção
de um ritual já morto, canto o verde
que só existe porque eu falo dêle,
e não mais, como outrora, verde crença.

Daí eu estar sempre expectante
e amar as coisas, mesmo sem crer nelas.
Daí amar além das aparências
as coisas que vislumbro: tôdas mortas

por antecipação: pungente espelho
no qual me miro, sem qualquer remorso
e, sem mais dor, além do sentimento

de que tudo inexistente após a posse.
Mas que nos fique por amor e fado
o verde sempre eterno e inexplorado.

III

Não cantarei outra coisa além do Homem
porque descreio de outros ornamentos
além do sol externo que me envolve
ou sou eu próprio: interno e circundante.

Incorporo, porém, sem muita crença,
a pálida lembrança dêste mundo
ao meu canto incolor (por compaixão)
porque não vale a fé que não fecunde.

E cresço, nesta atônita certeza:
meus olhos se dilatam, como infantes
que bailassem, bem leves, na leveza

da manhã libertada dos instantes
submissos e vãos e sem surprêsa
de que fomos perpétuos circunstantes.

IV

Por sôbre um mundo plano e tão conforme,
sem vastidões, sem ondas, sem mistério,
foi que tu, confidente dos abismos,
confabulaste com o meu ser eterno.

E despertaste em mim o amor do abismo
ou essa vocação ilimitada
que temos para amar os imprevistos,
para enfrentar sorrindo o próprio nada.

Contra o carbono dos surrados dias,
a desfiarem seu tédio e seu cansaço,
apontaste a voragem por espaço

e as longínquas paragens de onde viemos,
totais e puros: tôda esta magia
que, faltos de paixão, adormecemos.

V

E senti quanto é bela a rebeldia:
essa herança da serpe horizontal
antes de convergir sua energia
para a Grande Serpente Vertical.

Até canalizar-se e romper velas
de encontro às amuradas do mormaço
e às nossas desgastadas caravelas
singrando as águas podres de cansaço.

Como dói ver traído o movimento
espontâneo que as coisas trazem nelas
impelindo-as, constante, aos novos ventos,

Às vibrações augustas, serpentinas,
douradas pelo fogo das esperas:
êste fogo perpétuo que as anima.

VI

Em demanda do azul de Karmamor
nosso lenho partiu-se, e prosseguimos
separados no mar em que nos vimos
banhados pelo último estertor;

Como ao longo das vidas que tivemos
sem certeza de nada do que fomos,
nem dos gozos fruídos, nem dos pomos
das angústias que um dia conhecemos.

Como o sôpro silente de uma aragem
balouçando as ramagens interiores,
eu muitas vêzes sinto tua imagem

que desce sôbre mim, indefinida,
sem fixidez, toucada de brancores,
varando a solidão da minha vida.

Não me pergunte pelo último poema,
que a neurose do verso me consome.
E eu não diria nada, sem a fome
de dizer algo de maneira extrema.

Daí calar-me sôbre qualquer tema,
que seja apenas tema, e não se some
ao que eu possua para além do nome
que as coisas circunscreve ao seu dilema.

Talvez, porque o calei, seja mais forte
o verso que não fiz, que vela a face
num sono que é de vida e não de morte:

Aquêles mais completo e mais urgente
que, por não se entregar assim tão fácil,
alcence a duração do permanente.

(A José Mário Rodrigues)

Não o verde que é podado,
mas a árvore: não seu verde
mas a copa. Não o poema:
— a superfície, onde a palavra
é ainda aparência, e não o ato
puro e simples de ser:

De ser enquanto palavra
ordenando o caos espêso.
Rarefeita, enquanto forma
não tomada pelo avêso.
Mas forma: sentido reto
e virgem do seu comêço.

Mas forma: livre, sem pêso
(a não ser de validez)
e não êsse pêso morto
que lhe impuzestes talvez,
alheio ao que a palavra
esconde por sob a têt.

Verde, verde é a substância.
O não podado. O limite.
Onde termina a aparência
e a forma talvez se explique.

I

Cansei-me de não ser
De projetar-me apenas
A sombra sôbre os espelhos
Das naus rôtas pelo tempo.

E como seria eu
Se dos escombros da aurora
Restei-me sem naus e música,
Cantando os solaus de outrora?

Velejando em priscos mares
Que nunca vi nem verei
Com a láurea de pirata
Do verde que não roubei?

Que adianta mais viver
Depois de ser sem ter sido
Se me contemplo sem tempo
Nos templos verdes do olvido?

Onde a irmã a sereia
A loira albina das ondas
Que nas suas dobras envolva o
Irmão das ilhas sem nome?

II

Terra plana sem ondas.
Navego sem mar. Que faço
Senão procurar espaço
Onde me afogue sem dano?

Sem dano ou planos e
Sem ninguém nesta viagem
Que exija de mim mensagem
Que não serve para aqui?

Se eu sou a anti-mensagem
(Cansei-me de prosaísmo)
E de mensagem só trago
A verde, e aberta, do abismo?

Senhores, não vos convido
Porque iríeis manchar o verde,
Que não tem culpa, de serdes
Criaturas sem sentido,

Em cujo esbôço gorado
A natureza perdeu
Tinta e pincel, no traçado,
Sem vos dar sequer um eu.

III

Com palavras de côr verde
Quero açucenar a vida
A que vós, senhores, destes
Um gôsto de formicida.

Resta-me o canto, e o canto
Foi tudo que me sobrou
Do que não tive ou perdi
No vosso mundo incolor.

Talvez sem o pêso da vida
Eu não fôsse proprietário
Do verde que eu não roubei
Para o meu vocabulário.

Nem se eu possuísse naus
Tivesse a palavra a fôrça
De gerar em si a música.
Sem deixar de ser palavra.

Pois nossa missão é esta:
(Quanto mais bela, mais rara)
Fazer que o próprio mistério
Se conceba em forma clara.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

(Anteriormente publicada sob o nome:
Estudos Universitários. Revista de Cultura
da Universidade | do | Recife)

Editada, trimestralmente, pelo Departamento de Extensão
Cultural da Universidade Federal de Pernambuco.
Impressa nas Oficinas Gráficas da Imprensa Universitária

Capa de Wilton de Souza

Número avulso: NCr\$ 1,50; atrasado: NCr\$ 2,00

Assinatura anual (quatro números): NCr\$ 4,00

Estrangeiro: número avulso: US\$ 1.00;

atrasado US\$ 2.00

assinatura anual US\$ 6.00

ENDEREÇO: Rua Gervásio Pires, 674 — Fone 22-486

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Est-s niv-s R. Cult. Univ. Fed. Pe., Recife 9 (3): p. $\frac{1-182}{1-64}$ Jul.-Set. 1969